

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E O ENSINO DE GEOGRAFIA: UM CAMINHO POSSÍVEL

Paulo Victor dos Santos Pereira (Colégio Pedro II), Aline Viégas (Colégio Pedro II)

Resumo: Trazer essas questões para sala de aula torna-se imperativo na construção de uma educação ambiental crítica e transformadora e a interdisciplinaridade se mostra como importante ferramenta nessa tarefa. O presente trabalho tem como objetivo primeiro o ensino de Geografia voltado a abordagem de questões socioambientais relacionadas ao Rio Saracuruna, localizado nas proximidades da unidade escolar para alunos ensino fundamental da Escola Municipal Rotary, no bairro de Santa Cruz da Serra, localizado no subúrbio do Município de Duque de Caxias. Essa pesquisa foi desenvolvida a partir da perspectiva que vê na geografia, enquanto disciplina escolar, um instrumento de grande utilidade, não somente na conscientização, mas também na superação do quadro socioambiental ali exposto, a partir da reflexão e fomento de mecanismos de intervenção neste espaço. Como instrumento de construção e análise de dados utilizaremos a Análise Crítica do Discurso, a partir do referencial teórico metodológico de Norman Fairclough.

Palavras-chave: Educação ambiental transformadora. Ensino de Geografia. Análise Crítica do Discurso.

Abstract: Bringing such issues into the classroom becomes mandatory in the construction of critical and transformative environmental education, and interdisciplinarity reveals itself as an important tool for the task. The main aim of this research, is to apply the Teaching of Geography in approaching socio-environmental issues regarding the Saracuruna River, located in the vicinity of the school unity for elementary school students of the "Escola Municipal Rotary", in the Santa Cruz da Serra neighborhood, in the suburbs of the city of Duque de Caxias. In that context, our research, will be developed from a perspective according to which academic Geography is seen, as far as environmental education is concerned, as a very useful tool, not only in awareness-raising, but also in overcoming the existing socio-environmental status quo, starting with a reflection and the fostering of mechanisms of intervention on that geographical space. We will use the Critical Discourse Analysis, based in Norman Fairclough's methodological theoretical framework.

Keywords: Transformative Environmental Education. Teaching of Geography. Critical Discourse Analysis.

1 Introdução

O debate ambiental, na atualidade, tem estado cada vez mais presente nos diversos veículos de comunicação, assumindo assim maior destaque, não somente na mídia, mas inclusive nos debates acadêmicos, em conferências internacionais e no Brasil a respeito dessa temática. Abordar tais discussões dentro do ambiente escolar é fundamental para a construção de uma educação ambiental, pautada sob uma visão crítica e voltada para a transformação de uma dada realidade.

O presente trabalho foi proposto tomando como base as temáticas da educação ambiental e o ensino de geografia sob um viés crítico e transformador, que acene para construção de valores e práticas de conservação que colaborem para a superação do quadro



socioambiental local. O público-alvo estipulado são alunos de uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Rotary, localizada no bairro de Santa Cruz da Serra, localizado no Município de Duque de Caxias - RJ. Em sua elaboração, tomamos como referência o cenário socioambiental do entorno imediato do rio Saracuruna, que corre nas proximidades da escola, localizada no subúrbio do Município de Duque de Caxias. De acordo com a perspectiva do materialismo histórico dialético, o elemento que constitui o ser humano, não somente enquanto espécie, mas como um ser social, está ancorado em sua relação com a natureza e na natureza, ou seja, na sua relação para geração de meios de vida. Nesta abordagem, visamos não somente o entendimento acerca dos impactos ambientais oriundos da lógica do modo de produção capitalista do espaço, mas principalmente a transformação dos indivíduos e das estruturas materiais presentes, de forma plena, superando o sentido dicotômico em que se entende o ser humano como parte desassociada da natureza.

Práticas pedagógicas de Educação Ambiental, pautadas na perspectiva do espaço dos indivíduos (no caso alunos e comunidade escolar), podem contribuir para que estes passem a ler e reler de forma crítica e reflexiva o seu lugar para, de modo coerente, pensarem o mundo na perspectiva da compreensão local/global e assim serem capazes de promover transformações desta realidade.

2 A Educação Ambiental

Ao refletirmos acerca da Educação Ambiental, vemos que de certa forma, se trata de uma expressão redundante. O pleonasma incide sobre o que entendemos enquanto educação. Isto é reflexo de uma ótica que enxerga a sociedade e natureza de forma dicotômica. Dentro da tradição do materialismo histórico-dialético inaugurada por Marx, a característica que funda, ou seja, que dá origem ao ser, está na sua relação metabólica em busca de meios de vida na natureza. Assim sendo, de acordo com essa visão, processos sociais e ambientais estariam imbricados, logo, ambiental já estaria inserido dentro de um sentido mais pleno de educação, embora, infelizmente exista a necessidade de criarmos expressões, mesmo que redundantes, com o objetivo de afirmar certas concepções.

Partimos de uma perspectiva Crítico-Transformadora, assim como aponta Tozoni-Reis (2008, p. 157), que entende que a educação ambiental é um processo político de apropriação crítica e reflexiva de conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos, voltada à construção de uma sociedade sustentável nas dimensões ambiental e social. Portanto, ao nos utilizarmos da expressão Educação Ambiental, devemos levar em conta que é uma prática educativa crítica e inovadora, que reflete sobre a ética ecológica e amplia o conceito de ambiente para além dos aspectos físico-biológicos, e que tem como objetivo a mudança dos atuais padrões da estrutura da sociedade sob a égide do sistema capitalista vigente. Porém, como acabamos de ver, este não é um consenso dentro dos distintos olhares a respeito da Educação Ambiental. Utilizaremos então a nomenclatura de Educação Ambiental Transformadora (Loureiro, 2004), a fim de demarcarmos nossa posição.

3 Geografia, a disciplina do espaço

Com a ascensão da Geografia Crítica, em meados da década de 1970, o conceito de espaço permanece na centralidade dos estudos geográficos. As análises espaciais sob a teoria marxiana se devem, de acordo com Soja; Hadjimichalis (1979), às intensificações das contradições sociais e conseqüentemente espaciais nos anos 1960, fruto da crise do capital.

Corrêa (2008), aponta que o espaço aparece efetivamente à luz da análise marxista a partir da contribuição de Lefévre, em sua obra intitulada *Espaço e Política*, onde o conceito de espaço ganha o entendimento enquanto “locus da reprodução das relações sociais de



produção, ou seja, a reprodução da sociedade”. (CORRÊA, 2008, p. 26).

[...] Não se pode dizer que o espaço seja um produto como um outro, objeto ou soma de objetos, coisa ou uma coleção de coisas, uma mercadoria ou um conjunto de mercadorias. Não se pode dizer que seja simplesmente um instrumento, o mais importante de todos os instrumentos, o pré-suposto de toda produção e de toda troca. Estaria essencialmente ligado com a reprodução das relações (sociais) de produção. (LEFÉBVRE, 2008, p. 48).

Milton Santos, sofreu forte influência de Lefébvre e suas concepções. Segundo Santos (1977) existe uma imbricação entre o modo de produção e espaço. Por possuírem relação de interdependência, não é possível conceber tais conceitos de forma isolada.

Os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. Deste ponto de vista, as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção. Daí, na sua determinação geográfica, serem eles seletivos, reforçando dessa maneira a especificidade dos lugares. (SANTOS, 1977, p. 14)

Assim, o modo de produção capitalista, determina e ao mesmo tempo é determinado pelo arranjo espacial disposto.

4 A Totalidade como ponto de encontro

De acordo com Milton Santos, em sua clássica obra *A Natureza do Espaço*, “a questão da totalidade tem sido enfrentada pela Geografia de maneira tímida. Não se pode dizer que a disciplina haja completamente abandonado esse tema. Mas, também, não se pode dizer que o tenha abordado de modo sistemático” (SANTOS, 2006, p. 72). O autor afirma ser urgente e possível a adoção da totalidade nos estudos geográficos. Urgente, pois dada a nossa realidade marcada pela emergência de espaços da globalização, ou mesmo a partir de um espaço global. É possível, pois no atual momento da história humana, a partir do desenvolvimento científico, técnico e informacional, à noção de totalidade é permitido um tratamento objetivo, uma vez que agora, pela primeira vez, dispomos de condições históricas para tal tarefa e ao geógrafo, cabe esta função.

[...] Cabe, sem dúvida, ao geógrafo propor uma visão totalizante do mundo, mas é indispensável que o faça a partir de sua própria província do saber, isto é, de um aspecto da realidade global. Para isso, a primeira tarefa é a construção de uma filosofia menor, isto é, uma metageografia que ofereça um sistema de conceitos capaz de reproduzir, na inteligência, as situações reais enxergadas do ponto de vista dessa província do saber. A primeira tarefa, sem a qual o requisito da pertinência não será atingido, é bem circunscrever o nosso objeto de trabalho. (SANTOS, 2006, p. 73)

Observamos, que de acordo com a visão miltoniana, devemos nos utilizar da totalidade, enquanto categoria, para as realização de análises geográficas, sendo fundamental buscarmos pensar o espaço sob uma ótica totalizante. Sob esse ponto de vista, Santos (2006, p. 73) elucida:

[...] um caminho seria partir da totalidade concreta como ela se apresenta neste período de globalização - uma totalidade empírica - para examinar as relações efetivas entre a Totalidade-Mundo e os Lugares. Isso equivale a revisitar o movimento do universal para o particular e vice-versa, reexaminando, sob esse ângulo, o papel dos eventos e da divisão do trabalho como uma mediação indispensável. Cumpre-nos, desse modo, retomar o conceito de totalidade, reexaminar as suas formas de aparência, reconhecer as suas metamorfoses e o seu processo e analisar as suas implicações com a própria existência do espaço.

Dentro da concepção de Santos (2006), a totalidade é a realidade em sua integridade. Entretanto, o processo histórico, se trata de um processo de complexificação. Desse modo, a



totalidade vai se tornando cada vez mais densa, ou seja, mais complexa.

Assim, como afirma Moreira (2012), a história humana e a história natural são inseparáveis. Esta premissa ganha validade uma vez que consideramos a naturalidade da história e a historicidade na natureza, fazendo com que seres humanos e natureza estejam ambos presentes concomitantemente sob um plano histórico. A partir dessa relação, observamos a configuração da totalidade existente na relação entre seres humanos e natureza. No entanto, esta relação é, de acordo com o autor supracitado, mediada pelo espaço, que exerce uma ação ordenadora e conforme o seu tempo histórico. Dessa forma, a natureza socializada, ou mesmo humanizada, é a natureza natural em um momento posterior, agora socialmente modificada, formando, no entanto, duas naturezas (a natural e a socializada) que são e não são, ao mesmo tempo, a mesma coisa; onde o trabalho humano é o responsável por esta transfiguração.

Isso significa entender que a natureza socializada como natureza natural socialmente transmutada. Numa relação dialética em que a primeira natureza, a natureza natural, permanece na segunda natureza, a natureza socializada, passando a haver entre as duas uma forma de unidade em que a primeira e a segunda são e não são, a um só tempo, a mesma coisa. O processo do trabalho, expresso na forma geográfica da divisão territorial do trabalho é o agente real desse movimento de transfiguração. De modo que assim temos na relação homem-meio, antes que dois lados que entram em relação, uma unidade dialética, em que a sociedade (a segunda natureza) e a natureza (a primeira natureza) se imbricam historicamente numa nova totalidade. Uma forma material, a forma-natureza, transmutada em presença do homem em uma segunda, a forma-sociedade que ao mesmo tempo se contém e se negam mutuamente. O ponto dessa junção contraditória é o espaço. E é justamente este conteúdo que o torna um espaço geográfico. (MOREIRA, 2012, p. 107).

Observamos que o espaço é o elo existente entre esta relação contraditória entre a natureza natural e a natureza socializada. E nesta relação, através do trabalho humano, é que o espaço pode ser entendido enquanto geográfico.

O plano geográfico da relação homem-natureza relaciona-se ao processo de socialização da natureza pelo trabalho, ou seja, da transformação da história da natureza em história dos homens e da história dos homens em história da natureza, reciprocamente, derivando em um tipo conceitual de espaço – o espaço geográfico – que implica ser uma estrutura de relações de homem-natureza sob determinação social. (MOREIRA, 2012, p. 106).

Entendemos que, como já sinalizado, o espaço geográfico pode ser entendido enquanto totalidade, uma vez que, de forma dialética, o espaço media a relação contraditória presente entre a natureza natural e a natureza socializada e articula uma na outra, tornando-as una e dual concomitantemente.

A história dos homens torna-se aos olhos da geografia, assim, a história da transformação permanente e continuamente acumulativa da natureza em sociedade pela mediação do espaço, num salto de qualidade de uma forma natural para uma forma de social via o processo do trabalho. (MOREIRA, 2012, p. 107).

Em um primeiro momento a natureza se define enquanto uma totalidade unicamente formada por elementos naturais, onde o ser humano é uma destes elementos, assim organizados em um arranjo espacial. Contudo, o ser humano, através do trabalho, a transforma em uma outra totalidade; esta agora, composta por elementos sociais. O humano é, então, o agente desta transformação. Dessa forma, a sociedade humana promove a passagem



da história natural para a história social da natureza. Em um plano concreto, a sociedade humana transforma a natureza a partir da produção do espaço. “É o homem, pois, o sujeito, o ser regente das determinações que agem a um só tempo sobre a natureza e a sociedade, através da mediação do espaço geográfico.” (MOREIRA, 2012, p. 108).

Na tentativa de traçar correlações entre a Educação Ambiental e o Ensino de Geografia, nos foram revelados alguns pontos de encontro. O primeiro deles é a perspectiva crítica, corrente do pensamento com a influência do materialismo histórico e dialético de Karl Marx, presente tanto na Geografia quanto na Educação Ambiental. Tanto na Geografia quanto na Educação Ambiental, essa perspectiva crítica tem como objetivo primeiro a busca da transformação social de uma dada realidade. Vemos dentro da Geografia Crítica, um vasto campo de atuação para Educação Ambiental, como práxis social, que possa corroborar para construção de uma sociedade em novos padrões, distintos dos atuais.

Outro ponto crucial é a adoção da totalidade enquanto categoria central nas análises e reflexões. Romper com o paradigma vigente que impõe o antagonismo entre o ser humano e natureza é imperativo. Através de uma visão de realidade cindida, determinada pelo sistema de produção capitalista, seres humanos se entendem alheios à natureza. É preciso melhor compreender a configuração da totalidade existente na relação entre seres humanos e natureza. O espaço geográfico pode ser entendido enquanto totalidade, uma vez que, de forma dialética, o espaço media a relação contraditória presente entre a natureza natural e a natureza socializada e articula uma na outra, tornando-as una e dual concomitantemente. E nesta relação, através do trabalho humano, é que o espaço pode ser entendido enquanto geográfico.

O entendimento e assimilação das questões espaciais, é de fundamental importância na construção de uma cidadania responsável voltada para culturas de sustentabilidade socioambiental e amplia o papel transformador e emancipatório desempenhado pela Educação Ambiental. Nos dias de hoje, uma gama de acontecimentos transpõem as fronteiras do espaço local, pois, entendidos a partir de uma noção de totalidade, na realidade, antes de mais nada, são processos globais, entretanto é no lugar que é materializada sua repercussão, sendo o lugar o depositário final dos eventos (SANTOS, 2006).

Milton Santos (2005) muito nos esclarece, uma vez que considera que mais relevante é a consciência do mundo, obtida através do local, do que a consciência do local propriamente dita; assim, as respostas para essas questões de ordem mundial, devem acontecer através de uma escala local, ou seja, a partir do lugar. Da mesma forma, a busca pela sustentabilidade socioambiental, que de fato é uma questão globalizada, poderá ser obtida via prática social no local.

Dentro da realidade em que o debate ambiental, na atualidade, tem estado cada vez mais presente nos diversos espaços sociais, abordar tais discussões dentro do ambiente escolar é fundamental para a construção de uma educação ambiental pautada sob uma visão crítica e voltada para a transformação de uma dada realidade. A Geografia, não somente como área do conhecimento, mas também como disciplina escolar, se abordada sob uma perspectiva crítica, é terreno fecundo para a implementação de uma Educação Ambiental efetiva, que possa contribuir para a mudanças subjetivas de indivíduos, e assim contribuir para a superação desta realidade em que nos deparamos, marcada pelo desprezo ambiental em função da ordem do capital vigente.

5 Análise Crítica de Discurso

A ACD pode ser entendida como campo do saber que tem suas origens no final dos anos de 1970, tendo como base a influência de diferentes correntes teóricas: a linguística crítica, do marxismo e das teorias críticas oriundas da Escola de Frankfurt. Esta corrente



dentro da análise do discurso conduz uma possibilidade de imbricação entre a análise linguística textual, com uma orientação social para o discurso, dessa forma, nos permitindo compreender as relações entre discursos e mudanças sociais. Assim a ACD se mostra como uma opção válida, enquanto referencial teórico-metodológico, uma vez que já existe um sólido caminho construído por diversos autores e vai ao encontro com as perspectivas teóricas expostas anteriormente neste trabalho.

Norman Fairclough, principal expoente no campo, faz importantes considerações sobre a ACD, segundo ele, esta permite reflexões e mais amplas sobre o processo social (Fairclough, 2001b, p. 121-122). Este autor discute as relações entre discurso e mudança social, buscando relacionar dialeticamente discurso e estrutural social, sendo estas relações mediadas pelas práticas. Isto implica não considerar os discursos descolados da materialidade das relações sociais que os conformam, mas enquanto, dialeticamente, constitutivos e determinados por estas.

[...] A ACD é a análise das relações dialéticas entre discurso (incluindo não apenas a linguagem verbal, mas outras formas de semiose, como a linguagem corporal e as imagens visuais) e os outros elementos das práticas sociais. No enfoque assumido por mim, a ACD está especialmente voltada para as mudanças radicais na vida social contemporânea, para os modos pelos quais o discurso está inscrito nelas e para as configurações atuais da relação entre a semiose e os outros elementos sociais nas redes de práticas. Não é possível assumir o papel do discurso nas práticas sociais como dado, devendo ele ser estabelecido a partir da análise. E o discurso pode ser mais ou menos importante em conjuntos específicos de práticas, além de poder mudar no/com o tempo. (FAIRCLOUGH, 2010, p. 2).

A perspectiva de Fairclough (2001a) se diferencia de outras abordagens que entendem o discurso como fonte de determinação da realidade (perspectivas performativas) e de outras que compreendem o discurso como sendo um mero reflexo determinado pela realidade, de forma unilateral e determinista. Teorias sociais críticas e estudos críticos da linguagem são incorporados nesse referencial teórico-metodológico, oferecendo condições de análise de aspectos linguísticos (vocabulário, aspectos gramaticais, semânticos, sintáticos e pragmáticos) e sociais *dos* e *nos* textos. Assim, há possibilidades de se entender o que está em jogo quando algo é dito (Kaplan, 2011, p. 66). “O discurso, sob essa ótica, passa a ser concebido também enquanto prática social, e, portanto, há condições materiais em jogo” (Borborema, 2014, p.179).

Com relação à análise da prática social, os conceitos centrais que Fairclough se utiliza são os de ideologia e hegemonia, que permitem compreender os discursos inseridos nas relações de poder, reproduzindo, reestruturando ou enfrentando as ordens de discurso existentes, entendendo as práticas discursivas como facetas das lutas por hegemonia.

6 Metodologia

Para da implementação do trabalho aqui proposto, a estruturamos em diferentes etapas de forma que possibilitasse a coleta de dados em cada uma delas. Assim, foram desenvolvidas atividades junto aos alunos. A coleta de material para posterior análise de dados foi efetuada a partir da realização de gravações em formato de áudio e vídeo, nos momentos destinados às atividades pedagógicas propostas, que consistiram basicamente em rodas de conversa e um trabalho de campo realizado às margens do Rio Saracuruna. Além das gravações, os resultados provindos de atividades interdisciplinares que resultaram em desenhos, produção textual e em intervenção artística na fotografia do Rio Saracuruna, realizadas pelos alunos,



também foram utilizados como dados de análise.

Destaquemos, que dentre as potencialidades da Análise Crítica do Discurso inclui-se como parte do discurso alternativas que vão para além do campo textual. Assim, trata-se da “análise das relações dialéticas entre discurso (incluindo não apenas a linguagem verbal, mas outras formas de semiose, como a linguagem corporal e as imagens visuais) e os outros elementos das práticas sociais” (FAIRCLOUGH, 2010 p. 2). Considerando as configurações textuais multimidiáticas contemporâneas, são necessários instrumentos afinados para dar conta da articulação de outros materiais semióticos, ou linguagens (em perspectiva não ortodoxa), como imagens e sons, na produção dos sentidos (BARRETO, 2012).

Em um momento posterior, todas as gravações foram transcritas e a partir desse material será feita a Análise Crítica do Discurso, a luz do referencial teórico-metodológico proposto por Fairclough (2001). As transcrições foram desenvolvidas de forma que todos os sujeitos fossem diferenciados, inclusive as falas do professor; porém nenhum aluno foi identificado. Ao longo da realização das atividades, observamos, as falas dos alunos, onde foram extraídos indicadores levantados a partir dos dados.

7 A construção de uma Educação Ambiental Transformadora a partir do Ensino de Geografia

No decorrer das atividades desenvolvidas, um fato que nos salta atenção é o distanciamento existente na relação homem-natureza. A natureza passa a ser vista como distante, quase como que de forma intocada, explicitando a dicotomia entre o social, marcado por relações humanas e o ambiental, onde a presença do ser humano se omite, como se o homem não fizesse parte desta totalidade. Os dados abaixo, extraídos a partir da gravação de uma roda de conversa realizada pelo professor juntamente aos alunos, expõem de forma cristalina esta idealização, que é recorrente nos dias de hoje.

PROFESSOR – O tema que a gente vai abordar, neste bimestre aqui, é sobre as questões ambientais. Quando eu falo a palavra assim oh: AMBIENTE, ou MEIO AMBIENTE, qual é a outra palavra que vem à cabeça?

Aluno 1 – Natureza!

PROFESSOR – Todos concordam que a palavra natureza está relacionada ao meio ambiente?

Vários Alunos – Sim!

PROFESSOR – Beleza! Então, olha só, o que que queria: o meu objetivo hoje é ver o que vocês entendem de natureza, o que vocês entendem de meio ambiente e o que vocês entendem de meio ambiente de onde vocês moram, de onde vocês vivem. Por exemplo: aqui na localidade, próximo ao colégio, próximo à área de residência de vocês, ou seja, onde vocês moram, a gente consegue ver elementos da natureza?

Vários Alunos – Sim!

Aluno 2 – ali!

PROFESSOR – ali onde?

Aluno 2 – a água.

PROFESSOR – que água? E só a água?

Aluno 3 – O rio que está ali.

Aluno 4 – as árvores.

PROFESSOR – e que rio que tem lá? Sabe o nome dele?

Vários Alunos – Rio Saracuruna.

PROFESSOR – Rio Saracuruna. Muito bem! Só tem as árvores e o rio?

Aluno 1 – A serra...

PROFESSOR – sim, a serra. Mas quando a gente olha para a serra, o que a gente vê?



Aluno 3 – Grama!

PROFESSOR – Mas, é grama que a gente vê? Tudo bem. A gente vê grama, mas quando a gente olha lá para serra, em direção à Petrópolis, o que a gente vê?

Aluno 5 – Bichos, plantas, os animais...

PROFESSOR – Sim. Vemos bichos, árvores, ou seja, vemos a vegetação e os animais que vivem nela.

Ao serem perguntados quais palavras remetem à questão ambiental, os alunos expõem elementos tais como água rio, serra, bichos plantas e animais. Um aluno em específico fala a palavra natureza, reforçando a concepção de natureza como algo distante, estranho a lógica social.

De acordo com Gonçalves (2016), o com o desenvolvimento e consolidação do modelo capitalista de produção e consequente divisão técnica e social do trabalho, o pensar de modo fragmentado se torna imperativo, e os que pensavam diferente dessa lógica eram tidos como irracionais, idealistas e românticos. O progresso da história era utilizado para fundamentar a segmentação, que agora extrapolara as formas de pensar e conceber a realidade e se materializava nos modo de produção e desenvolvimento das sociedades. Tal distanciamento na relação homem natureza pode ser conduzido a uma ótica de entender a natureza enquanto mera fonte de recursos necessárias para a manutenção das formas de produção presentes no modelo de reprodução do capital.

No trecho abaixo extraído de uma das rodas de conversa realizadas juntos aos discentes, um dos alunos emite a seguinte fala: “a gente vive da natureza”. Esse é um discurso que possui muita força. Tamanha sua amplitude e intensidade que tal ideologia possui, que é cristalizada na forma de senso comum.

Aluno 6 – Tem gente que nem liga para a natureza, sai jogando lixo onde quiser.

PROFESSOR – Então, essa questão de não ligar para a natureza chega ser algo engraçado. Olha só, nós somos seres humanos, correto?

Vários Alunos – Somos!

PROFESSOR – Mas, nós não somos parte da natureza também?

Vários Alunos – Sim!

PROFESSOR – O ser humano não faz parte da natureza?

Vários Alunos – Sim!

PROFESSOR – O ser humano ele é um ser natural?

Vários Alunos – Sim!

PROFESSOR – Também! Dizemos que os seres humanos vivem em sociedade, um lida com o outro, para se tornar ser humano tem que ter essa interação de um ser humano com outro, tudo bem! Mas, nós somos feitos de natureza também! Somos seres vivos, somos parte dessa natureza. Mas, se a gente é parte da natureza, como não ligar para algo que é parte da gente, como a natureza? A gente é parte da natureza e a natureza é parte da gente!

Aluno 2 – A gente vive da natureza.

De acordo com Fairclough, as práticas discursivas carregam consigo ideologias e assim possuem a potencialidade de se tornarem um senso comum, bem como na fala emitida pelo aluno.

[...]As ideologias vem embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de 'senso comum'; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque minha

referência a 'transformação' aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação [...]. (FAIRCLOUGH, 2001 p. 117)

Parte dos alunos sustenta a concepção da natureza como fonte de recursos, enquanto uma outra parcela a entende como um elemento essencial à vida, refletindo uma visão composta por uma realidade cindida e determinada pelo sistema de produção capitalista, onde seres humanos se entendem alheios à natureza demonstrando a ideologia hegemônica refletida a partir deste discurso. Mediante esse prisma, a natureza permanece sob o status de alheia à condição humana, contribuindo desta forma, com a visão, por muitas vezes explicitada nos discursos, que trata o natural como fonte de recursos econômicos, deixando de lado sua imperatividade a nossa vida.

O discurso emitido pelo aluno entre em consonância com a **Figura 1** abaixo. Este desenho é fruto de uma das atividades propostas que consistia na elaboração de uma atividade de desenho, representando o que é um rio no imaginário do aluno e como de fato ele enxerga o Rio Saracuruna. Dentro da atividade, cada aluno expôs e explicou o desenho realizado pelo mesmo. A atividade nos expõe informações importantes acerca da ótica dos alunos sobre a realidade ambiental a qual se inserem. Cabe ressaltar que foi tomado como ponto de partida o Rio Saracuruna, que corre nas proximidades da escola e pode ser considerado em elemento que nos chama atenção devido a seu elevado nível de degradação ambiental. A partir do desenho, vemos novamente exteriorização a natureza da essência humana, uma vez que no desenho que deveria retratar o que o aluno tem em mente ao imaginar um rio, não vemos nenhum traço de atividade humana. O desenho carrega consigo a concepção de uma natureza distante, idealizada, muito comum sob uma perspectiva preservacionista de Educação Ambiental.

Figura 1: Um dos desenhos resultantes da atividade “O que é um rio e como é o nosso rio?”



Fonte: O Autor, 2017

O entendimento da relação existente entre humano e natureza também nos revela o viés ideológico conservador presente no discurso dos alunos. Por vezes os discentes



demonstram uma concepção de natureza como recurso. Tal perspectiva se aponta a força presente do discurso hegemônico alinhado ao sistema de produção vigente. Tal perspectiva desconsidera uma questão ontológica, uma vez que nossa relação com a natureza é o que nos torna seres humanos. Ou seja, o que funda o ser humano é justamente nossa relação metabólica com a natureza através do trabalho.

Durante as discussões ocorridas ao longo das etapas de implementação da pesquisa, foi possível identificar a inserção gradativa (mesmo que ainda tímida, todavia compatível com a idade e escolaridade dos indivíduos da pesquisa) de aspectos conceituais no discurso dos alunos, em específico do objeto de estudo da Geografia: o espaço geográfico.

O fragmento abaixo nos traz elementos que indicam o reconhecimento, por parte dos alunos, do alinhamento entre produção do espaço e o modelo de produção vigente.

Aluno3 – As pessoas esquecem da natureza

PROFESSOR – Sim, isso é uma coisa importante. Outra coisa, será que todo mundo polui por igual? Um dono de empresa, que tem fábricas, várias indústrias, será que polui a mesma coisa que uma família que mora na beira do rio? Quem polui mais?

Vários Alunos – As pessoas / as empresas! (mais uma vez os alunos se dividiram entre as duas respostas).

PROFESSOR – Mas, que tipo de pessoa?

Vários Alunos – as que moram na beira do rio.

Aluno 3 – hoje mesmo eu vi.

PROFESSOR – As que mais poluem?

Vários Alunos – Sim!

Aluno 6 – as pessoas não ligam para o meio ambiente

PROFESSOR – É, eu entendo isso, mas tem uma lógica por trás disso. Explica melhor isso aí. Eu queria chegar nesse ponto aí.

Aluno 5 – Algumas pessoas só querem saber de ganhar dinheiro.

PROFESSOR – E como a natureza se coloca no caminho das pessoas que querem ganhar dinheiro? Como que é essa relação? Por que as pessoas destroem a natureza?

Aluno 5 – para gerar mais lucro!

PROFESSOR – Para gerar mais lucro, sim. Aí, para gerar mais lucro, desconsidera a natureza? E aí destrói a natureza? Porque? Isso não tem a ver com a relação com que as pessoas veem a natureza? Como a gente vê a natureza? Como algo que tem que ser preservado, ou algo que tem que ser explorado?

Vários Alunos – Explorado.

Ao longo dessa interação discursiva percebemos mais uma vez presente no discurso de um dos alunos que a motivação para a degradação ambiental é fruto do desconhecimento, ou mesmo da ausência conscientização dos seres humanos em relação ao caráter fundamental da natureza expresso na fala “as pessoas não ligam para o meio ambiente”. E novamente a natureza é enxergada de forma externalizada em relação aos homens e submetida ao objetivo primeiro desse modelo produtivo: a reprodução/acumulação do capital. Esse entendimento fica explícito quando um dos alunos ao responder emite: “para gerar mais lucro!”. Reafirmando que a produção do espaço, ou seja, a relação dialética e contraditória entre homem e natureza segue a lógica do sistema econômico vigente. A perspectiva do espaço geográfico enquanto totalidade, presente no discurso dos alunos, aparece também por forma de linguagem não ortodoxa. Para exemplificar, lançamos mão de outra proposta pedagógica desenvolvida junto aos alunos. Esta atividade tinha como objetivo que os alunos promovessem intervenções em uma fotografia do Rio Saracuruna expondo como poderia ser essa realidade sob suas respectivas perspectivas de possibilidades de



transformação.

Figura 02: Uma das produções fruto da atividade interdisciplinar desenvolvida juntamente a disciplina de Artes Visuais.



Fonte: O Autor, 2018

Acima, observa-se o movimento do ser humano em criar meios de vida na natureza, rompendo a dicotomia estabelecida entre sociedade e natureza, cisão esta, criada e reafirmada dentro do modo de produção do capital. A presença de um indivíduo carregando baldes d'água, uma nascente, flores, animais (cachorro) exemplificam essa questão. Dessa forma, este discurso, mesmo não textual, transita sob os pressupostos do espaço enquanto totalidade, onde o espaço articula-se entre a interação contraditória entre a natureza em um primeiro momento e a natureza em um momento posterior, após experimentar a ação humana, passando a ser agora uma natureza socializada, mas ainda natureza.

8 Primeiras Considerações

O desenvolvimento de atividades tomando como o ensino de geografia nos possibilitaram uma abordagem mais ampliada das questões socioambientais da localidade em que se insere a comunidade escolar, assim como forneceram respostas positivas por parte do discurso produzido pelos alunos. Mesmo que de forma discreta e passando por oscilações, percebe-se que a partir da confrontação dos discursos no micro contexto (no ambiente escolar, no caso) emergem possibilidades para a transformação da realidade objetiva dos alunos.

O referencial teórico-metodológico da Análise Crítica do Discurso, a partir da contribuição de Fairclough, permitiu compreender os discursos inseridos nas relações de poder, onde se identifica a reprodução, mas também acena para enfrentamento das ordens de discurso existentes, uma vez que concebe as práticas discursivas como facetas das lutas por hegemonia. Tal perspectiva se mostrou como de caro valor para a construção de uma educação ambiental pautada sob uma visão crítica e voltada para a transformação de uma dada realidade, sendo então, terreno fecundo mudanças subjetivas nos indivíduos, e assim contribuir para a superação desta realidade em que nos deparamos, marcada pelo desprezo ambiental em função da ordem capitalista vigente.



Referências Bibliográficas

BARRETO, R. G. a recontextualização das tecnologias da informação e da comunicação na formação e no trabalho docente. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 121, p. 985-1002, out/dez. 2012

BORBOREMA, C. D. L. Entre os níveis micro e macro in BARRETO, R. G. *Tecnologias e trabalho docente: entre políticas e práticas*. 1. ed. Petrópolis: DP et alii, 2014. v. 1. 212p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) *Geografia: Conceitos e Temas*. 11ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, p. 15-47, 2008.

FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. *Revista Teias*, v. 11, n. 22, pp. 225-234, 2010 (Traduzido por Raquel Goulart Barreto).

_____, *Discurso e mudança social*. 1ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____, Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In: Wodak, R. and Meyer, M. (Eds.) *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage, p. 121-138, 2001b.

GONÇALVES, C. W. P. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KAPLAN, L. *Análise crítica dos discursos presentes nos documentos que definem a política de educação ambiental no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro: PPGE/UFRJ, 2011.

LEFEBVRE, H. *A cidade do capital*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOUREIRO, C. F. B. *Trajetórias e fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.

MOREIRA, R. *Geografia e Práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas*. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ªed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____, *Sociedade e Espaço: a formação social como teoria e como método*, Boletim Paulista de geografia, n° 54, 1977.

_____, *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005.

SAVIANI, D.; Duarte, N. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. *Revista Brasileira de Educação (Impresso)*, v. 15, p. 422-433, 2010.



SOJA, E. W.; HADJIMICHALIS, C. Between geographical materialism and spatial fetishism: some observations on the development of marxist spatial analysis. *Antipode*, v. 11, n. 3, p. 3-11, 1979.

TOZONI-REIS, M. F. C. *Pesquisa em Educação Ambiental*, vol. 3, n. 1 – pp. 155-169, 2008.

VIÉGAS, A. *Educação ambiental e complexidade: uma análise a partir do contexto escolar*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. 288f.